

DE GILLES DELEUZE A MICHEL ONFRAY: PELA BUSCA DE ALGUM TIPO REVOLUCIONÁRIO

[FROM GILLES DELEUZE A MICHEL ONFRAY: IN SEARCH OF SOME KIND OF REVOLUTIONARY]

*Abraão Lincoln Ferreira Costa**

Universidade de Brasília / Centro Universitário Estácio, Brasil

RESUMO: Fundamentado na leitura dos filósofos Gilles Deleuze, Félix Guattari e Michel Onfray, este artigo objetiva realizar um balanço crítico a partir daquilo que se entende por “sociedade de controle” para, em seguida, inspirado na filosofia nietzschiana do “além do homem” [*Übermensch*], verificar a viabilidade de florescer algum tipo humano cuja postura criativa e corajosa supere as situações mais adversas da pós-modernidade. Isso posto, delineia-se que a pesquisa adota duas etapas metodológicas. A primeira, de forma sucinta, apresenta o desenvolvimento das diferentes produções de registro, conforme apresentadas em *O Anti-Édipo*; a segunda, após a filosofia deleuziana abrir margem para se pensar no “esquizo”, isto é, no indivíduo aquém das imposições sociais, complementarmos com a hipótese da tipologia onfrayana do “Condottiere”, tornando-o modelo de resistência e de insubmissão, inspirando, portanto, o possível aparecimento de uma quarta produção de registro cogitada por Deleuze e Guattari.

PALAVRAS-CHAVE: Condottiere. Deleuze. Esquizo. Monoteísmo. Onfray

ABSTRACT: Based on the readings of the philosophers Gilles Deleuze, Félix Guattari and Michel Onfray, the article aims to carry out a critical assessment based on what is meant by “control society” and then, inspired by the Nietzschean philosophy of “Super human” [*Übermensch*], verify the feasibility of flourishing a human type whose creative and courageous posture surpasses the most adverse hypotheses of postmodernity. That said, the research adopts the following method: first, succinctly, to present the development of the different record productions, as presented in *The Anti-Oedipus*; second, after the Deleuzian philosophy opens up the scope for thinking about the “schizo”, that is, the individual below the social impositions, we complement with the hypothesis of the onfrayan typology of the “condottiere”, making it a model of resistance and insubmission, inspiring, therefore, the possible appearance of a fourth record production analyzed by Deleuze and Guattari.

KEYWORDS: Condottiere; Deleuze; Esquizo; Monotheism; Onfray

INTRODUÇÃO

Muito bem! Adiante homens superiores! Somente agora vêm as dores do parto à montanha do futuro humano. Deus morreu: agora nós queremos que o além do homem viva

(NIETZSCHE. *Assim falou Zarathustra*, “Do homem superior”)

O presente estudo propõe a interlocução entre os pensamentos de Deleuze, Guattari e Michel Onfray naquilo que tange à construção de um “tipo” humano em condições hipotéticas de ultrapassar os valores da moral social vigente. Para tanto, tomemos emprestado o significado da palavra “tipo”, conforme usada por Friedrich Nietzsche, isto é, significando um indivíduo que se destina a seguir por um dos dois caminhos: o do fortalecimento ou o da

* *Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Professor de Filosofia no Curso de Direito e Educação do Centro Universitário Estácio de Brasília. Pós-Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós Graduação em Filosofia da Universidade de Brasília (PPGFIL - UnB). E-mail: abraaofilosofia@gmail.com.*

degeneração. Sendo o caminho da força, Nietzsche orienta ser possível reconhecer o ímpeto ou impulso que governa e domina este espírito, pois há sempre nele a vontade e curiosidade de desvendar aquilo que esteja encoberto pelo receio, a mediocridade e o preconceito (HH, Prefácio, 3). Logo, ao deslocarem a consideração nietzschiana acerca deste ser humano tão elevado, os filósofos franceses nos permitem presumir não somente seus interesses na dura crítica ao comportamento social, herdado pelo estilo de vida consumista dos dias atuais, como ainda o esforço de imaginar uma figura incapaz de sucumbir às diversas imposições do Estado, da política e da economia.

A começar, a obra *Oanti-Édipo* pode ser sintetizada com a explanação de que o mundo humano é inteiramente organizado mediante o conceito de máquinas sociais. Isso significa pensarmos a sociedade como espaço adequado de cerceamento e produção dos diversos interesses manifestos nas mais diferentes instituições organizacionais como escolas, igrejas, indústrias, famílias, órgãos de segurança e outros. No entanto, o funcionamento dessas máquinas sociais depende do dispositivo denominado por Deleuze e Guattari como “*socius*”. Esse *socius* desempenha o papel de unificar os interesses institucionais dentro dos mesmos pressupostos, assegurando, dessa maneira, o controle social. Para os pensadores, a história pôde identificar a existência de três *socius*, sendo o primeiro deles o “primitivo”, balizado pela capacidade de assimilar os códigos da terra; o segundo, o “bárbaro”, ilustrado na figura do déspota, que organiza as máquinas sociais; o terceiro, os “civilizados”, encontrado na produção de capital, hoje predominante em muitos Estados.

Deleuze e Guattari definem esses três diferentes *socius* que, embora suas origens possam ser compreendidas de maneira contingente, expressam independentemente disso a marca indelével da condição humana: o encontro com o desejo de dominação. O *socius* “primitivo” é aquele que consegue conjurar certo tipo de poder, preocupando-se com os preceitos religiosos relacionados à decifração dos códigos da natureza (DELEUZE-GUATTARI, 2010, p. 185). Diferentemente, os “Bárbaros” passaram a sobrecodificar esses códigos, transferindo-os para o “corpo do déspota”. Por conta disso, deixava-se a sujeição à terra para um novo tipo de atenção restrita a um “corpo soberano”, a quem os demais homens depositavam suas vidas e toda a liberdade na crença de poderem ser salvos dos riscos da desordem e das demais aflições mundanas. Por último, no terceiro *socius*, vemos o “corpo do dinheiro”, aquilo com o qual o capital quase tudo axiomatiza. Trata-se do surgimento do capitalismo que, segundo Deleuze e Guattari (2010, p. 185), vorazmente se apropria de todas as coisas, descodificando os fluxos, subvertendo-os a seu interesse exclusivo de produção e de lucro (DELEUZE-GUATTARI, 2010, p. 185). É sobre essa última produção de registro que concentraremos maior atenção.

Como veremos, o capitalismo é a única máquina social que se construiu como tal sobre fluxos descodificados, substituindo os códigos intrínsecos por uma axiomática das quantidades abstratas em forma de moeda. Portanto, o capitalismo liberta os fluxos do desejo, mas nas condições sociais que definem o seu limite e a possibilidade da sua própria dissolução; de modo que ele não para de contrariar com todas as suas forças exasperadas o movimento que o impele para este limite (DELEUZE – GUATTARI, 2010, p. 185).

Pensar na viabilidade de um quarto *socius* corrobora a impressão deleuziana da importância de encontrarmos um remédio para conter os efeitos depauperantes de uma sociedade rígida que tudo axiomatiza. Para os autores franceses, é sabido que o capitalismo consolidou a “estrutura edipiana” através da descodificação e da canalização dos desejos humanos, inoculando nas pessoas uma espécie de vírus responsável pela interrupção do crescimento da potência do vir-a-ser. Diante desse quadro, perguntamos: como desfazer essa estrutura edipiana? É preciso acentuar que ao pensarmos no esquizo, oposto aos ditames de qualquer sistema alienante e repressor, envolve, portanto, a composição de um tipo humano autêntico e singular, possivelmente imaginado pelos filósofos. Alguém cujo inconformismo perante o sistema e o potencial criador possa romper as estruturas que fizeram do homem moderno aquilo que Nietzsche chama de *decadente* (EH “Por que sou tão sábio”, 1).

Ora, seria realmente provável o surgimento de algum indivíduo ou sistema de extraordinária capacidade de resistência à lógica da produção de capital? Como sugestão, acrescentamos a esta investigação o pensamento de Michel Onfray, criador de uma filosofia do corpo, que propõe em sua teoria o projeto de reconciliação humana com a imanência. Recorrendo à tese onfrayana, veremos que somente pela desconstrução dos ideais metafísicos e ascéticos, segundo ele mancomunados com os interesses do capitalismo, será permitido a qualquer pessoa alcançar o domínio de si, bem como a conquista de sua real liberdade. Ao desestruturar o “eu normal” pela afirmação do desejo, esse novo indivíduo conseguiria exortar de si o medo causado pela consciência da morte, do ressentimento e da má consciência.

Essa ressignificação sugere uma nova relação entre o corpo e consciência, pois o divino deve ser entendido apenas como “o caráter de uma energia de disjunção” (DELEUZE-GUATTARI, 2010, p. 26) e propõe um projeto singular e revolucionário que não mais atribui aos corpos a condição do pecado, mas de liberdade e realização indiscriminada dos desejos. Nesse aspecto, nossa hipótese é de que próximo à compreensão deleuziana encontramos o *Condottiere*, personagem possuidor de forte tendência artística e revolucionária. Não obstante, supomos que o desenvolvimento desse tipo alude inicialmente ao esforço em desconstruir os monoteísmos tradicionais, já que a concretização do projeto hedonista pressupõe o reconhecimento de uma ontologia materialista. Afinal, diferente disso, o homem jamais alcançaria o deleite do corpo, caso permanecesse preso à consciência do pecado comumente introjetado pela civilização judaico-cristã. Segundo Onfray, esse tipo revela:

Uma figura ética, um personagem conceitual que encanta mais prontamente quando emerge da realidade, da prática. Podem ser, portanto, utilizados para achar a teoria que só faz sentido quando fecundada pelas experiências e geradas pelas emoções, formadas a partir das preciosidades, da elegância das pequenas coisas. A difusão de uma existência deve passar pelo filtro da subjetividade que teoriza, olha e dá forma. O *Condottiere* me atrai menos pelo que foi historicamente do que pelo que permite seu registro ético. Da profusão de sua biografia é capaz de extrair as linhas de força com as quais consegue construir uma arquitetura singular. Longe dos detalhes e das hesitações ou de qualquer recuo, o que constitui uma individualidade como um destino que se encarna está sobretudo nos seus efeitos (ONFRAY, 1993, p. 25-26. Tradução livre)¹

Antes de prosseguirmos, é pertinente explicar que a sugestão de desconstruir os grandes monoteísmos não implica literalmente na erradicação dessas religiões. Em sintonia com Onfray, a palavra “desconstruir” teria relação mais condizente com a postura individualizante, liberta das amarras da culpa, do pecado e da morte: a constituição de um novo ser humano, genuíno e, por isso, acima dos interesses metafísicos, sempre disposto à busca dos prazeres sensoriais e consciente do seu pertencimento a um só plano material, rejeitando a crença da existência de lugares supra terrenos, de deuses e de religiões.

Territorializando as considerações deleuzianas conforme o campo das análises onfrayanas, notamos na figura do esquizo a postura de enfrentamento disposta a abalar a economia tradicional, eventualmente celebrada sob a forma de religião. Já em sua *Lógica do sentido*, Deleuze, antes de sua união com Guattari via o esquizofrênico tratar-se de um personagem empenhado em recuperar o sentido ao invés de destruir a palavra, “de conjurar o afeto ou de transformar a paixão dolorosa do corpo em ação triunfante” (2007, p. 90). Nesse sentido, conjecturamos a interferência das religiões quando acentuam o problema da diferença de classes ao incentivarem a passividade e o conformismo na espera da recompensa do reino celestial após a morte. É preciso que a economia esteja submissa aos interesses político-libertários e não o contrário. Isso, porque, enquanto a dinâmica estipulada pelo interesse da concentração de riquezas perdurar, a lei do mercado triunfará sempre, perpetuando as desigualdades e, por conseguinte, a morte, o sofrimento e a dor. Nas palavras de Onfray: “Tânatos foi eleito deus tutelar do capitalismo desenfreado. Sua sombra e sua cruz, sua divindade fetiche, são as causas do holocausto e dos sacrifícios quotidianos que lhe são oferecidos” (1997, p. 117).

Nas várias tentativas de fundamentar sua tese, nesse instante, diferente de Deleuze e Guattari, Onfray (1997, p. 118) busca amparo na psicanálise freudiana, a exemplo do tema do “mal-estar da civilização”. Tal filiação advém como o favorecimento das máquinas coletivas em detrimento dos interesses individuais, a renúncia aos prazeres no intuito de terem como único objetivo o lugar a se fixar dentro do jogo social, o sacrifício da liberdade individual em troca da

segurança decorrente do autoritarismo, da castração e da perda da força vital. A diluição do eu individual dentro da coletividade, sacrificando o prazer em troca do princípio de realidade, que embora implique na supressão dos desejos da carne, garantiria a herança do além-mundo. Tudo isso parece fazer parte da vida moderna, impedindo a possibilidade da emancipação dos corpos e da afirmação dos desejos. Logo, a inversão de valores conforme apresentada na filosofia de Onfray tende à aquisição de uma “política do corpo” ou simples imperativo categórico entendido pelo “gozar e fazer gozar” (*Jouir et faire jouir*) - isto é, uma prática hedônica interessada no prazer e na felicidade - embora, ciente de que esta ação jamais afete os interesses da vida alheia (ONFRAY, 1991, p. 203). Em continuidade o filósofo declara:

Os filósofos hedonistas celebram a festa dos sentidos, não deixam nenhum de lado, exacerbam os mais esquecidos, os mais desprezados pelos contedores do corpo. Sabem sentir, saborear, tocar, respirar, ouvir e se alegram em fazer funcionar os mecanismos sutis que permitem ao mundo fazer-se formas, eflúvios, cores, perfumes, sons, temperaturas. O sensível é sensual, a pele do real merece cuidado (ONFRAY, 1999, p. 236).

Esclarecemos, então, algumas divergências entre Onfray e Deleuze-Guattari concernentes à psicanálise de Freud. Numa direção contrária à filosofia onfrayana, a “esquizo-análise” deleuziana refuta a psicanálise freudiana devido ao modo como esta acentua a “estrutura edipiana”, inviabilizando a codificação dos fluxos do desejo e reforçando o aprisionamento dos corpos aos interesses da moral vigente. Mas por que ela faz isso? É preciso entender que *O anti-Edipo* é uma obra que converge elementos teóricos do marxismo e da psicanálise, no entanto, diferente daquela desenvolvida pelo médico austríaco, vista pelos filósofos franceses como um estudo incapaz de aprofundar-se nas mesmas questões por eles abordadas, tendo em vista a indissociabilidade com os valores tradicionais, vinculados, portanto, aos interesses castradores de uma estrutura edipiana familiar e capitalista (DELEUZE-GUATTARI, 2010, p. 85).

Há esperança de colocarmos isso em prática? Assim como Deleuze e Guattari, Onfray (1997, p. 146), considera marcante o evento iniciado no “Maio de 68”. Podemos pensar na retomada desse acontecimento histórico como a construção de um novo sentido de individualidade, de busca pelo autoconhecimento, permitindo-nos a autoexploração cada vez mais e melhor. “Maio de 68 descobriu a difusão generalizada do poder e fez deste, onde ele se encontra, uma ocasião de questionamento, de crítica” (ONFRAY, 2001, 179-180). Assim, o filósofo acredita que o experimento desse ocorrido poderia ter dado a oportunidade de surgir o “gênio colérico” da revolução, conquistando de tal forma a cristalização dos ideais existentes no seu pensamento. A despeito das tensões político-sociais, nada impede de surgirem homens libertários, de resistência e de insubmissões – eis a proposta para pensarmos numa nova tipologia humana ou, como descrevem Deleuze e Guattari, num esquizo responsável pela desestabilidade do sistema atual.

Para Onfray, o plano político desenvolvido em *APolítica do Rebelde* deve ser entendido como indispensável, devido à necessidade de assegurar aos indivíduos as garantias de afirmação no corpo social através do resgate da subjetividade e do direito à expressão máxima de seus prazeres. A elaboração do projeto existencial de cada homem requer o afastamento da noção de universalidade, razão pela qual as religiões e os sistemas capitalistas e totalitários acabariam tornando-se impeditivos para o implemento desse projeto emancipatório. Inspirado no anarquismo de Mikhail Bakunin, o filósofo ateu complementa sua ideia com a postura do “dionisismo libertário” (ONFRAY, 1997, p. 20). Tendo isso em conta, ressaltamos seu plano ético-político que privilegia o corpo em sua máxima potencialidade, desprovido das imposições herdadas pelos monoteísmos tradicionais. Ao que tudo indica, esse dionisismo libertário faz alusão à pulsão dionisíaca nietzschiana, ou seja, à afirmação da parte humana irracional, atrelada ao prazer, às paixões e aos desejos arrebatadores. No entanto, o autor denuncia o problema da sujeição humana ao modelo universal dos padrões idílicos da sociedade, como a estética e a ética religiosa (ONFRAY, 1997, p. 37-38). A suspeita é de ter sido criado um vínculo de dependência, remetendo o homem a uma danosa hierarquia a ponto de torná-lo submisso às instituições que, na verdade, deveriam estar a serviço dele.

O autor francês diferencia as morais praticadas pelo que ele julga serem repressoras e ligadas à metafísica, diante da sua ética hedonista. Isso quer dizer que principalmente o Judaísmo e o Cristianismo, aliados ao sistema capitalista, se tornaram destruidores da

subjetividade contida nos sujeitos. Nesse caso, de acordo com Deleuze e Guattari, é tarefa do hedonismo desconstruir as diferentes morais impostas por esses sistemas e dogmas religiosos, haja vista estarem impregnadas pelo ascetismo e outros mecanismos de controle social. O percurso rumo à liberdade, como pretende o hedonismo, é incessante, pois está em constante construção, tendo seu fim apenas com a chegada da morte.

A revolução à maneira de golpe de Estado está morta, viva a revolução pelo modo libertário, molecular, para dizê-lo com as palavras de Deleuze e Guattari. Longe dos futuros radiantes e dos amanhãs que cantam, pacificados, é preciso pensar no devir revolucionário dos indivíduos, única ética pensável para um libertário na virada do milênio (ONFRAY, 2001, p. 182).

Ressaltamos que para firmar um estilo de vida de cunho materialista, hedonista e libertário é necessário antes desconstruir os modelos institucionais políticos e religiosos que prevalecem na cultura ocidental. Esperançoso no anarquismo, Onfray prega a necessidade de negar os ideais de indivisibilidade e irredutibilidade, pregados ainda hoje no mundo ocidental. Sem a adoção de uma postura insubmissa ante o moralismo ascendente, não será alcançada qualquer reforma que resulte numa ética do prazer – para ele, singular por natureza. Em geral, a política ocidental está a serviço de princípios idealistas, cujas pretensões estariam voltadas à máxima redução da individualidade e da subjetividade. O pensamento onfrayano acusa os sistemas consumistas e totalitários de pretenderem simbolicamente destruir o indivíduo para, em seguida, reinventá-lo, adequando-o a uma comunidade controlada. Dessa maneira, haveria o abandono do corpo físico - para o advento do corpo social, forma supostamente eficaz de alienação.

É certo presumir que o Ocidente, em grande parte, vive de acordo com os preceitos estabelecidos pela tradição judaico-cristã. Essa herança teria se alastrado por diversos seguimentos da sociedade, com destaque para as instituições políticas (ONFRAY, 1997, p. 42). Para tanto, seria impossível pensar qualquer modelo político, econômico ou religioso incapaz de atender os anseios idealistas de uma cultura que aprendeu a sobreviver enaltecendo a busca pela perfeição. Tamanho interesse metafísico encontrou a precisa aliança nos sonhos de felicidade propalados pelos sistemas políticos opressores.

Na *Política do Rebelde* é destacada a necessidade de repensar o indivíduo com novos direitos, sabendo para tanto evitar os preceitos transcendentais, geralmente impostos na tradição judaico-cristã. A política torna-se responsável pelo alastramento das ideias metafísicas que costumeiramente alienam a sociedade, distanciando-a do propósito hedonista e também libertário. Para o autor (ONFRAY, 1997, p. 51), os princípios anarquistas são fatalmente suprimidos por outras ideologias, como as do próprio capitalismo e do socialismo marxista, que encontram seu fracasso ao serem descaracterizadas nos regimes totalitários de Stalin e Lênin. A filosofia onfrayana encontraria atualmente maior inclinação para a proposta ideológica do anarquismo de Bakunin, para o autor, um pensamento revolucionário que possui um forte pressuposto estético, tornando-o assim bem próximo do hedonismo.

Ressaltamos que repensar numa política que privilegie o materialismo hedonista jamais deve ter a presunção de se transformar num projeto de interesses universais, uma vez que cairia no mesmo erro dos sistemas que vigoram atualmente. Por essa razão, Onfray condena a noção de uma justiça absoluta, por retomar questões metafísicas, baseadas em aplicações de caráter ditatorial e transcendente, já que ela utiliza constantemente a repressão com intuito de alcançar seus fins. Em suma, o “corpo conhecendo as fraquezas tem direito, segundo o princípio vitalista hedonista, a tudo o que permite a manutenção de sua saúde, ou seja, o seu desenvolvimento e sua recuperação” (ONFRAY, 2001, p. 52).

Ao propor o distanciamento do justo absoluto, a intenção do autor é apresentar uma opção nominalista. Nesse aspecto, haveria conciliação com a lógica hedonista, ou seja, o convite ao homem para aproveitar a vida, dentro de ações capazes de evitar danos a si mesmo e ao próximo – uma espécie de imperativo categórico do hedonismo. A defesa de uma ética do prazer sob respaldo do nominalismo significa negar uma noção de realidade que é apoiada na essência do homem ou numa concepção do justo absoluto semelhante àquela apresentada por Platão. O nominalismo onfrayano combate a ideia dos universais, haja vista o uso de uma designação generalizada não implicar na existência de uma coisa geral dela nomeada. Entretanto, existe alguma semelhança entre as coisas particulares às quais a denominação geral costumeiramente

se aplica.

A hedonismo libertário deve ir sempre ao encontro da subjetividade, caracterizando-a como *práxis* única e individual. Porém, quanto mais prováveis forem as chances de conjugação entre os interesses do sujeito e do outro na relação hedonista, maior será o fundamento ético dessa proposta. O empreendimento do “gozar e fazer gozar” deve assumir sempre novas configurações, pelo uso de forças e desejos consonantes que identifiquem o equilíbrio na tensão existente nas relações sociais. Seria a tentativa de encontrar uma espécie de justa medida na relação hedonista, tornando-a uma relação racionalmente justificada.

Onfray entende que a sua ética estaria mais próxima da razão por se aproximar do hedonismo e distanciar-se da religião. Essa compreensão defende haver mais bom senso e fundamento quando nos empenhamos numa busca da satisfação pessoal e do prazer ao invés de acolhermos desmedidamente o sofrimento constante em troca da vida eterna. De certo modo, tal reflexão se reaproxima das concepções jusnaturalistas encontradas no Iluminismo: a razão a serviço daquilo que seja melhor para a vida. Um direito natural que seja nominalista e libertário, essa é a pretensão da razão hedonista onfrayana. Para isso, é obrigação da sociedade evitar qualquer forma de extremismo na reivindicação dos bens, em proveito do princípio de direito à vida e a melhores condições de sobrevivência (ONFRAY, 1997, p. 52).

Seguindo a tese onfrayana, os direitos naturais resumem-se em viver e sobreviver dignamente sendo fundamentais na medida em que satisfazem os interesses do corpo e do espírito. Nesse intuito, surge a conciliação entre a carne e os pensamentos, permitindo à existência transcorrer dentro do mais inteiro bem estar. A negação do plano transcendente para afirmação do imanente permite o desenvolvimento de qualquer sistema político viável, uma vez que os direitos do corpo estejam assegurados. Somente assim, qualquer noção de justiça social, independentemente da cultura, conquistaria sua afirmação. Notamos aqui outra divergência em relação a Deleuze-Guattari, considerando que o capitalismo, de acordo com esses autores, garante a rejeição à transcendência, embora, diferente daquilo pensado por Onfray, não seja motivo suficiente para acreditarmos que mesmo a imanência propicie a criação de algum sistema político apropriado.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPITALISMO

Além das religiões, o capitalismo utilizaria formas tacanhas de privação ao corpo. As condições para sobrevivência são caras e estão distribuídas socialmente de maneira desigual. Onfray (1997, p. 54) cita exemplos como as precariedades na saúde, seguridade social e educação – nada disso é suficiente. As sepulturas se transformaram em negócios lucrativos, impedindo o mais pobre de sequer ter um funeral digno. Taxas sobre o caixão e estofamento, qualidade e dimensões, cerimônias religiosas, transporte entre outros. Isso esclarece a repulsa do filósofo a respeito dos governos devido aos custos abusivos para alguém conseguir aquilo que deve ser dado por simples direito como saúde e alimentação. Faltam os meios financeiros e também os intelectuais. O sistema capitalista acaba assemelhando-se à mecânica nazista, porém atuando de forma disfarçada.

Onfray acrescenta a suas reflexões outro ideal libertário denominado de “princípio de Antígona”, heroína trágica que teria desobedecido às ordens do Rei de Tebas, Creonte, por enterrar seu irmão Polinices com as próprias mãos, que foi condenado após a morte a ter seu corpo apodrecendo exposto ao tempo, sem direito a um funeral. A tragédia grega retomaria a proposta de uma ética libertária, por opor-se ao sistema vigente e reivindicar ao corpo a oportunidade de alcançar condições decentes à sua sobrevivência e até mesmo após ela. Segundo o autor (ONFRAY, 1997, p. 60), Antígona se faz ainda mais contemporânea não somente pela desobediência às determinações políticas do reinado de Tebas, mas pela capacidade de não temer a nenhum deus e às possíveis danos do além-mundo.

O capitalismo, aliado aos princípios monoteístas, deturpa o real significado da palavra “hedonismo”. Graças a isso, o corpo equivocadamente passou a celebrar o egocentrismo tornando-se, consequentemente, vulgar e distante das reais condições de sua afirmação. Tendo respaldo nas tradições religiosas, o amor a si mesmo tornou-se a tônica num mundo consumista e globalizado criando nos homens outra mentalidade: a do amor somente a si mesmo, esquecendo a importância de princípios valorativos como a solidariedade e a comunhão. Na

mesma direção, Guattari descreve os problemas atuais apontando na relação do *socius*, junto a psique e a natureza como formas de interações fadadas a um fatídico processo de deterioração. Isso decorre tanto das “nocividades e poluições objetivas” e também pela existência de uma ignorância “e de uma passividade fatalista dos indivíduos e dos poderes” a respeito desses assuntos (GUATTARI, 2006, p. 26).

No capítulo sobre a “cartografia infernal da miséria”, o homem moderno é descrito como alguém que se tornou presa da definição alegórica do monstro Leviatã. Para Onfray, Tomas Hobbes exhibe com propriedade a figura emblemática dessa serpente marinha, descrita no livro de Jó como um ser feroz que atormentava os pescadores. A besta à qual se refere o pensamento hobbesiano condiz ao Estado, cujo poder político submete todos a uma verdade suprema, eliminando gradativamente toda a individualidade e as formas de subjetividade humana (ONFRAY, 1997, p. 64).

A postura hedonista requer o uso de preceitos fundamentados na ética, em que a preocupação estaria centrada no problema da erradicação da miséria física e intelectual que, de acordo com o filósofo, teria sido permeada ao longo da história. Todavia, o autor considera espantoso o silêncio e contentamento das pessoas com a triste vida que levam. O homem encontra-se cada vez mais submisso às imposições dos sistemas sociais opressores, indispostos a reconhecer a existência de outras possibilidades que o conduziriam a melhores condições de existência. Onfray destaca as figuras do mendigo ou do vagabundo nas sociedades consumistas como emblemáticas por se oporem aos ditames do Leviatã. São pessoas enxergadas como uma espécie de retrocesso ou de anomalia frente à evolução do homem moderno. Deitam-se nas calçadas das grandes avenidas, embrulham-se com caixas de papelão e vivem quase todo o dia entorpecidos pelo álcool. Ausentes de um domicílio fixo, submetem seus corpos à intensidade do frio, do calor e das chuvas (ONFRAY, 1997, p. 67-68). Geralmente, as necessidades fisiológicas são feitas de maneira exposta e despudorada, retornando a um tipo de comportamento animalesco e constrangedor àqueles que obedecem às regras do corpo político.

Como personagens pré-históricos, os mendigos vivem de lugar em lugar, buscando sobreviver alheios às regras do sistema. Proteção aos vários tipos de perigo é uma exigência constante, pois o frio, o cansaço, a fome e a violência os cercam a cada instante. Diferente dos tempos primórdios, em que os riscos estariam nos ataques dos animais selvagens, atualmente, devido à extinção das selvas para o crescimento das metrópoles, passaram a existir outros tipos de predadores – homens hostis que ignoram uns aos outros. Ainda existem outros dois tipos de anomalia que sofrem desprezo do sistema: um deles é a velhice. Aos idosos são negados quase sempre muitos direitos, exceto quando capazes de contribuir financeiramente para o corpo político-social do Leviatã. Sofrem em decorrência da arrogância da juventude, que presume não haver mais sensualidade ou sexualidade na velhice. O reconhecimento pode muitas vezes ser reconhecido apenas no intelecto e na capacidade econômica para se manter dentro do “jogo social consumista” (ONFRAY, 1997, p. 64 e 65).

A terceira forma de taxação e exclusão social está na loucura. Os loucos apresentam insensatez diante da razão que predomina no Ocidente. Seguindo o raciocínio do autor (ONFRAY, 1997, p. 65), a racionalidade imposta pelo Leviatã serve para medir o grau de obediência e submissão daqueles que estão inseridos no corpo político. O sistema pedagógico das escolas e acadêmias tem como função o adestramento dos corpos e mentes, para melhor atenderem ao corpo político. Segundo Onfray (1997, p. 65 - 66), o insano é o indivíduo que apresenta inadequação ao que já foi estabelecido na sociedade. Sua tendência é não se deixar dominar, coisa que fatalmente acontece com os considerados sãos da coletividade. As ações manifestadas na insanidade mental são diferentes nas ideias, no corpo, na carne, tornando-se um insulto ao Leviatã. Em suma, a integridade humana, para o jogo social consumista, depende da estreita combinação entre a juventude e a razão, no entanto, adequadas aos interesses do corpo político.

Como muitos pensadores, Onfray atribui como exclusiva a associação entre poder e Estado, sendo algo a ser, portanto, descaracterizado em sua ética libertária. Cabe apenas privilégio à ação local feita pelo indivíduo, produzida a cada momento da sua existência. Essa compreensão conduz ao que se entende por um devir revolucionário como possível forma de ação libertária no presente. O homem na sua singularidade é livre pensador e, dessa maneira, se transforma no incessante fluxo de transformações. Essa visão tão diferenciada conceberia a ruptura epistemológica entre o homem e o sentido da liberdade coletiva, diante do indivíduo

soberano, capaz então de conduzir com autonomia sua própria vida.

O anarquismo vislumbrado no século XIX preserva-se apenas no imaginário, como influência de novas tendências libertárias. O interesse de uma política atual é criar e preservar identidades hedonistas, assegurando a ética enquanto extensão dos desejos do corpo. A atitude libertária pretendida pelo filósofo francês acontece no presente, em uma dinâmica de valorização da subjetividade, combatendo as hierarquias do Estado, que estabelecem seus arbitrários jogos de poder, tanto no capitalismo quanto no socialismo - afinal, a valorização do indivíduo e da sua subjetividade requer rejeição constante a qualquer forma de poder que comprometa a ética hedonista. Vale ressaltar que o prazer individual deve preservar o bem estar e a constante articulação com o outro. Em suma, o sistema anárquico é a possibilidade de valorizar o espírito rebelde, protegendo-o das práticas do poder que podem devorar sua potência. Sua aposta é levar o indivíduo a condições de maior liberdade, tornando-se alguém mais inclinado pela busca do próprio bem estar.

CONDOTTIERE: A FIGURA LIBERTÁRIA

Após a desconstrução dos modelos sócio-políticos atuantes, haverá espaço para a criação da figura do “*condottiere*”, encontrada em obras como *A escultura de si* e *A política do Rebelde*. Sua intenção é anunciar o homem que deverá substituir o atual indivíduo, preso aos ditames metafísico-religiosos do capital, além de outras propostas governamentais apoiadas nos regimes totalitários. O tipo *condottiere* é a personificação do materialista-hedonista, já que resulta de um autêntico libertário, desvinculado das imposições tradicionais, como a religião, a família e o Estado. Um ser que se põe no mundo de maneira ativa, criando seus próprios conceitos e se reinventando a cada momento da vida.

O *Condottiere* de Onfray conduz a si mesmo, movido, de acordo com a inspiração nietzschiana da “vontade de potência”. Sua ética está situada dentro de uma perspectiva estética na medida em que cria sua existência como obra de arte, recriando-se com criatividade, exuberância e eloquência. Nessa análise, certamente o personagem do autor constrói sua autonomia, sendo senhor de si mesmo, baseando-se em direções que o conduzam sempre ao prazer e à liberdade. Reiteramos que essa proposta hedonista pressupõe o sentido à liberdade individual, ausentando-se da exigência de qualquer seguimento ou de outras referências que não sejam a de seus próprios interesses, sem jamais infringir os interesses de outras pessoas. Nas palavras do autor:

Essa figura puramente ética, que então eu não quis considerar em sua dimensão política, reservando a ocasião para o presente livro, eu a construí em relação à metáfora do *Condottiere*, princípio manifesto na estátua de Verrocchio sise piazza San Zanipollo em Veneza. Por ela se exprime a confusão da ética e da estética e depois se formula o tratamento da história pelo modo metafórico, artístico primeiramente, conceitual e em seguida filosófico. Flexionador de energia, depositário de uma vitalidade superabundante, o *Condottiere* que desejo excede na arte de adestramento das forças que contribuem à sabedoria trágica (ONFRAY, 2001, p. 192).

A defesa do materialismo hedonista tende a conquistar maior fundamento a partir desta noção de criação de caminhos. As experiências obtidas através das emoções e das demais manifestações subjetivas trazem o resgate do homem com a virtuosidade. Desta maneira, o *Condottiere*, ao se caracterizar como indivíduo desobediente às imposições do Estado e em favor do ateísmo, e da construção de uma imagem estética, assume a virtude vislumbrada pela filosofia onfrayana.

A insubmissão peculiar à postura do *Condottiere* é a tentativa achada pelo filósofo francês de resgatar alguns conceitos oriundos do pensamento cínico (ONFRAY, 1997, p. 27). Voltando mais no tempo, Onfray teria encontrado inspiração em Diógenes de Sinope, homem de temperamento libertino, desvinculado das imposições sociais que, pouco diferente dos dias de hoje, eram fortemente estabelecidas por critérios de verdades absolutas e transcendentais. A simpatia do filósofo francês pelo helenista é de fácil reconhecimento, dado seu costume de questionar os valores e as convenções sociais de Atenas, levando uma vida sempre de acordo com aquilo que considerava conveniente aos princípios estabelecidos por ele.

Tendo a escola dos antigos cínicos como inspiração, Onfray define o *Condottiere* como um ser em permanente construção. O apoio estético para sua criação é também aquilo que demonstra a necessidade humana em definir-se como obra aberta, sem jamais presumir a respeito de se ter encontrado um ponto final. Desta forma, Onfray parece apostar no designio da sua tipologia, na intenção de mostrar a importância da vida humana pensada como obra de arte, num exercício continuado de afirmação mesmo diante das incertezas do real.

É correto ressaltar que o autor francês apresenta sua noção de singularidade numa perspectiva libertária, como modalidade de resistência aos modelos identitários que, bem diferentes disso, costumam impor-se no campo de forças durante as relações de poder. No entanto, o grande desafio de Onfray, ao que tudo indica, persiste sendo o de encontrar a conjugação exata entre individualidade e a perspectiva de um ser autônomo com a alteridade. Em sua defesa, salientamos que seu materialismo hedonista jamais se confundiria com o desejo cego pelo prazer desregrado, mas na satisfação mútua dos interesses, evitando a todo custo o prejuízo de outrem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Junto a Deleuze e Guattari, Onfray se tornou mais outro pensador pertencente à pós-modernidade. Vale atribuir ao termo “pós-moderno” a forte crítica e desesperança desses e demais pensadores ao atual projeto da modernidade. A debilidade na expectativa de um mundo melhor é fruto dos inúmeros problemas decorrentes das sociedades de consumo, os quais destacamos a fome, as epidemias, as guerras, o acúmulo exorbitante de capital nas mãos de poucas famílias e a desmedida exploração do meio ambiente. Para esses filósofos, e nos parece inegável a influência de Marx e de Nietzsche, as religiões tendem a se integrar aos mecanismos de controle estatal, uma vez que, coadunadas aos diferentes sistemas políticos-opressores, acabariam aprofundando os dogmas metafísicos da culpa e do pecado, elevando, desse modo, a condição de submissão a ponto de inviabilizar qualquer movimento emancipatório.

Sem a perspectiva de ampla transformação social, os três pensadores franceses não somente analisam os diferentes fenômenos sociais, responsáveis pelo maior controle dos indivíduos, como também procuram remediar o sombrio diagnóstico da pós-modernidade, imaginando tipos humanos em condições de oporem-se precisamente às formas opressoras existentes na sociedade. Com pouco esforço enxergamos nessas tipologias, e aqui destacamos o *Condottiere*, algo relativamente próximo do “Além do Homem” (*Übermensch*) nietzschiano, isto é, de alguém capaz de liberar as potências criadoras do ser humano. No entanto, mesmo tendo algumas semelhanças, é preciso guardar ressalvas, considerando as variáveis que sinalizam diferenças entre as personagens de Nietzsche e de Onfray. Poderíamos destacar várias, mas a principal delas nos parece a do *Condottiere*, mais alinhado ao interesse político do anarquismo, tomando-o nesse aspecto diferente do “Além do Homem”, cujas especificidades da sua constituição o levam à defesa apenas da aristocracia do espírito.

Exceto em Deleuze-Guattari, guardamos a impressão de que o materialismo-hedonista de Onfray tende à certa passionalidade quando comparado aos preceitos políticos e metafísicos por ele mesmo criticados. Há de se convir que, menos acadêmico, Onfray desenvolve pesquisas de divulgação filosófica, requerendo prudência ao analisarmos suas reflexões, de costume provocativas, embora pouco fundamentadas. Outrossim, devemos reconhecer numa certa medida o esforço das religiões monoteístas para interagirem com o saber científico – seguramente é imprudente generalizá-las como obscurantistas e repressoras, dado o interesse de entenderem em parte o mundo pela razão. Obviamente uma conciliação adequada nunca é fácil e prova disso é aquilo que acompanhamos nas discussões de caráter bioético, a exemplo da pesquisa de células embrionárias ou no direito civil, através das discussões sobre a união civil entre pessoas do mesmo sexo. Contudo, assuntos específicos, ligados à caridade, à luta pela preservação ambiental e à concentração de riquezas, são facilmente encontrados em diversos grupos religiosos, destacando as declarações progressistas vindas do pontífice da Igreja Católica, o Papa Francisco.

Acreditamos que a dimensão política encontrada no materialismo-hedonista de Onfray, tampouco é diferente das considerações do quarto *socius* que a antecede. À luz dessas

investigações, concluímos que todo aquele disposto a conquistar um corpo mentalmente saudável, reconciliado consigo mesmo, liberto da consciência da morte e do ascetismo, carecerá cumprir basicamente duas tarefas: a de admitir uma ontologia materialista, que rejeite a dualidade psicofísica do corpo e da alma, assim como da natureza e do supra terreno para, por fim, realizar a ética hedonista, cuja principal meta consiste na busca e no compartilhamento dos prazeres do corpo. Embora as sugestões de conquista da felicidade quase sempre nos pareçam tentadoras, de qualquer modo, parece difícil se afastar do idealismo que a própria filosofia de Onfray tanto crítica, pois o mesmo, apesar da inspiração nietzschiana, parece ter ignorado a tônica do mestre alemão: a carência e o sofrimento, inerentes à tragicidade e ao absurdo da vida.

REFERÊNCIAS

- BAUMIER, Matthieu. *L'anti traité d'athéologie: le système Onfray mis à nu*. Paris: Presses De La Renaissance, 2005.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo: capitalsimo e esquizofrenia 1*. Trad.: Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Trad.: Luiz Roberto Salinas forte. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Trad.: Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, Demasiado Humano*. v. I. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zarathustra*. Trad.: Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- ONFRAY, Michel. *L'art de jouir: pour un matérialisme hédoniste*. Paris: Grasset, 1991.
- ONFRAY, Michel. *La Sculpture de soi: la morale esthétique*. Paris: Grasset, 1993.
- ONFRAY, Michel. *Politique du Rebelle: traité de Resitance et d' Insoumission*. Paris: Éd. Grasset, 1997.
- ONFRAY, Michel. *Tratado de Ateologia: fisica da metafísica*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ONFRAY, Michel. *A política do rebelde: tratado de resistência e insubmissão*. Trad.: Mauro Pinheiro. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

NOTAS

Une figure éthique, un personnage conceptuel me ravissent plus volontiers lorsqu'ils émergent du concret, de la pratique. Ainsi, ils peuvent servir pour retrouver la théorie qui n'a de sens que fécondée par les expériences, générée des pépites, les élégances des petisses. Le diffus d'une existence dois passer par le filtre de la subjectivité qui théorise, regarde et met en forme. Le Condottiere me plaît moins pour ce qu'il fut historiquement que pour ce qu'il permet dans le registre de l'éthique. De la profusion d'une biographie. Il'sagit d'extraire les lignes de force avec lesquelles bâtir une architecture singulière. Loin du détail, des valse-hésitations ou des reculades, ce qui constitue une individualité comme un destin qui s'incarne est avant tout dans ses effets.